

A MÚSICA NO COTIDIANO DE PESSOAS SURDAS

Noemi Nascimento Ansay¹
Rita de Cássia Maestri²
Aldemar B. da Costa³

RESUMO

Este artigo tem por objetivo estudar a presença e o sentido da música no cotidiano de pessoas surdas. Utilizando a abordagem qualitativa de pesquisa procuramos conhecer através das respostas de um questionário ilustrado com perguntas abertas e fechadas dados concernentes as relações estabelecidas entre a música e o cotidiano de pessoas surdas. Devido às especificidades dos participantes os pesquisadores utilizaram a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) para interagir com aqueles sujeitos que a utilizam como primeira língua. Participaram da pesquisa 20 pessoas surdas. A partir das respostas dos questionários extraímos dois eixos de análise: a) Música e surdez, b) A música no cotidiano de pessoas surdas. O resultado da pesquisa poderá contribuir para uma melhor compreensão e atuação do musicoterapeuta e do educador no que diz respeito a relação das pessoas surdas e a música. Ainda estamos na fase de análise dos resultados de maneira que os dados apresentados aqui são preliminares.

PALAVRAS – CHAVES: surdos, música, música no cotidiano de surdos, musicoterapia

ABSTRACT

This article aims to study the presence and meaning of music in the everyday life of deaf people. Using qualitative research we sought to find out through the answers to a questionnaire illustrated with open and closed questions data concerning the relations between music and the everyday life of deaf people. Due to the specific characteristics of the participants, the researchers used the Brazilian Sign Language (LIBRAS) to interact with those individuals who use it as their first language. 20 deaf people participated in the survey. From the questionnaire responses we extracted two axes of analysis: a) Music and deafness, b) Music in the everyday life of deaf people. The research result may contribute to a better understanding and performance of the music therapist and

¹ Professora da Faculdade de Artes do Paraná/Unespar. Mestrado em Educação pela UFPR. Musicoterapeuta e Psicopedagoga. Currículo Lattes <http://lattes.cnpq.br/2522951277654216>

² Psicóloga e linguista em Letras- Libras, professora substituta de Libras na UFPR. <http://lattes.cnpq.br/4992665991297206>

³ Psicólogo clínico, tem especialização em educação bilíngue e é interprete da língua brasileira de sinais. <http://lattes.cnpq.br/0063890257889751>

educator regarding the relationship between deaf people and music. We're still at the stage of analyzing the results so that the data presented here are preliminary.

KEYWORDS: deaf people, music, music in the everyday life of deaf people, music therapy

INTRODUÇÃO

Quando eu era pequeno, eu assistia sobre música na televisão. Eu via drama na música, mas não entendia, porque o filme era dublado. Quando eu cresci, eu admirei que surdos cantavam o hino nacional com Libras. Eu amo clip de música MTV, com legenda, só música inglês, porque música português não tem legenda.⁴

(Depoimento de um rapaz com surdez profunda de 19 anos)

Pesquisar sobre a música no cotidiano de pessoas surdas sempre nos coloca em um lugar sensível, crítico e alvo de muitos questionamentos. A música está presente no cotidiano de pessoas surdas? A música pertence somente ao mundo dos ouvintes? O que é música para uma pessoa surda? Como a música se insere na vida de pessoas surdas?

Percebe-se na atualidade através das redes sociais, filmes e sites da internet (Facebook, Youtube, Orkut e outros) que existe uma divulgação de vídeos de músicas traduzidos em línguas de sinais, além do crescimento deste fenômeno, encontramos artistas da área musical que são surdos, citamos aqui o rapper finlandês Signmark⁵ e a percussionista internacional Evelyn Glennie⁶. Também temos o registro da surdez do compositor e músico alemão Ludwin van Beethoven (1770-1827), que antes dos 30 anos começou a perder a audição, mesmo assim, continuou a compor e tocar por mais de vinte anos, quando fez suas mais expressivas obras, entre elas a 9ª Sinfonia.⁷

Como profissionais⁸ que atuam na área da surdez há mais de vinte anos, os autores desse texto observam no dia-a-dia que a música se faz

⁴ Os depoimentos foram mantidos com a escrita original.

⁵ Rapper Singmark, dados sobre sua biografia e discografia <http://www.signmark.biz/site/en/bio>

⁶ Evelyn Glennie ficou surda aos 12 anos, é musicista profissional de grande prestígio internacional. Disponível em <http://evelyn.co.uk/evelyn-glennie.html>

⁷ <http://www.mediconerd.com/2012/01/como-surdez-de-beethoven-influenciou.html>

⁸ Noemi N. Ansay é musicoterapeuta e psicopedagoga, atua na área da surdez há 20 anos, Rita de Cássia Maestri é psicóloga e linguista surda, trabalha na área há 25 anos e Aldemar Anais do XV Fórum Paranaense de Musicoterapia n 15 ano 2013

presente através de canções sinalizadas em Libras, nas datas de aniversário com a canção “Parabéns pra você”, nas formaturas e atos solenes, com a execução do Hino Nacional em Libras, percebe-se também que muitos surdos frequentam bailes e vão a baladas.⁹

Estas constatações foram a mola propulsora dessa pesquisa que pretende investigar em que medida a música está presente na vida cotidiana dos surdos e qual é o sentido para estes sujeitos do fenômeno musical.

Inicialmente precisamos deixar claro de quando falamos em surdez, existe uma tendência a generalizarmos e a tratarmos esse grupo de forma homogênea, no entanto, esta população tem suas singularidades e diferenças. Encontramos surdos com perdas leves que escutam música, cantam e tocam instrumentos musicais, já outros, com perdas profundas que pouco ganho tem na audição musical, utilizam outras vias (visuais, táteis e perceptomotoras) para interagir com o universo musical.

No Decreto Federal n^o 5626 de 22 de dezembro de 2005, no artigo 2^o diz:

Para fins deste Decreto, considera-se pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais-Libras. Parágrafo único: Considera-se deficiência auditiva a perda bilateral, parcial ou total de quarenta e um decibéis (dB) ou mais, aferida por audiograma nas frequências de 500 Hz, 2000 Hz e 3000 Hz.¹⁰

Esta diferenciação das perdas auditivas, a idade onde ela ocorreu, o contexto social, familiar, escolar e cultural da qual faz parte a pessoa surda, parecem ser aspectos fundamentais na discussão da temática e na forma como o surdo interage a música.

psicólogo e intérprete de LIBRAS, especialista em educação bilíngue, trabalha com pessoas surdas desde meados nos anos 90.

⁹ Reportagem do Profissão Repórter: Balada dos Surdos <http://youtu.be/mUBmW8LoULU>

¹⁰ Apesar de haver no documento uma diferenciação entre surdez e deficiência auditiva, neste trabalho utilizaremos o termo Surdo para designar os sujeitos da pesquisa, por entendermos que é o termo mais adequado dentro do referencial teórico que utilizamos.

METODOLOGIA

Utilizamos para a coleta de dados um questionário ilustrado¹¹, com perguntas abertas e fechadas, sendo este o caminho que entendemos ser aquele com condições de mapear e fornecer dados básicos para a compreensão das relações entre os atores e a situação a ser estudada.

A análise dos dados está sendo realizado por meio da Análise de Conteúdos e tem como principais referenciais os estudos de Bardin (1979) e Minayo (2003).¹²Os pressupostos teóricos utilizados serão balizados pela perspectiva histórico-cultural, da música e da musicoterapia.

Participaram da pesquisa 20 pessoas surdas. Os pesquisadores utilizaram a língua de sinais brasileira (Libras) para explicar a pesquisa e intermediar a compreensão do questionário que contava com imagens para ilustrar os temas. Todos os participantes assinaram um termo de consentimento autorizando a utilização dos dados dos questionários.

O questionário foi elaborado em três blocos, no primeiro o sujeito respondia dados de identificação (idade, grau de perda auditiva, causa da perda auditiva, forma de comunicação mais utilizada - libras, comunicação oral, escrita, ou formas combinadas). No segundo bloco, os sujeitos respondiam aos seguintes questionamentos - O que é música para você? Quais são suas preferências musicais? - também neste bloco, o questionário contava com dezesseis imagens de cantores populares (Elvis Presley, Bob Marley, Beatles, Michael Jackson, Pavaroti, Chico Buarque, Michel Teló e outros). No terceiro bloco as perguntas relacionavam-se a música no cotidiano desses sujeitos (lembranças musicais da infância, da juventude e na atualidade, se os sujeitos assistiam clipes de músicas, se viam músicas traduzidas para línguas de sinais). Além de responderem o questionário todos os participantes assinaram um termo de consentimento permitindo a utilização dos dados para a pesquisa.

¹² Segundo Bardin (1979) a Análise de Conteúdos é um conjunto de técnicas de análise sistemáticas das comunicações e dos conteúdos das mensagens que permite a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção das mensagens.

CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS

Dos 20 sujeitos que participaram da pesquisa, 8 eram mulheres e 12 homens, a idade entre os sujeitos variava de 18 a 55 anos. Desse total, 19 pessoas afirmaram que tem surdez profunda e 1 pessoa disse ter surdez moderada. Dos 20 sujeitos, 17 afirmaram usar como forma de comunicação principal a Libras e escrita, 2 afirmaram que usam Libras e comunicação oral e 1 diz usar a oralidade.

A partir das respostas dos sujeitos ao questionário foi possível levantar dois eixos de análise:

- Música e Surdez;
- A música no cotidiano de pessoas surdas;

MÚSICA E SURDEZ

A música é muito importante para abrir o sentimento ao real, a mente cura com a música. A letra da música traz sentimento de felicidade, amor, tristeza, emoção e sonho. A música existe nos filmes, na TV, na internet, nas letras das músicas. Os amigos sempre compartilham que sentem na música o sentimento de união. Com a música dá para aprender muita coisa A música existe e ilumina, é clara como a luz, a música tem metáforas da vida. A música é linda, maravilhosa. (Depoimento de um surdo com 19 anos)

Tradicionalmente a música foi definida como “a arte de combinar os sons”, mas para Aharonián (2008), a música não é simplesmente a organização do som. Ele diz que esta definição é incompleta, pois a música também é linguagem, potencial expressivo e seu objetivo é a comunicação.

Ahorián (2008) afirma que:

El concepto de música entendido como compartimento estanco no es común a todas las culturas: en las sociedades en las que el hombre no es parcelado, se hace muy difícil establecer límites entre música y poesía, entre música y danza, entre música y expresión erótica, entre música y hecho religioso, entre música y magia, entre música y medicina, entre música y trabajo, entre música e fiesta, entre música y vida política comunitaria. (2008, p.5)

Não se trata de negar o aspecto sonoro, físico dos sons, mas de ampliar o conceito. O silêncio, as pausas também são um componente da música. “Não existiria som se não houvesse o silêncio” como nos lembra a canção de Lulu Santos¹³. Outro músico que colocou em xeque as definições clássicas de música foi o estadunidense John Cage (1912-1992), segundo relata Castela (s/d), Cage compôs em 1952 a obra musical silenciosa 4'33'¹⁴, durante este tempo os músicos ficam em total silêncio, segurando seus instrumentos em posição estática, não emitindo nenhum som. Para Cage esta obra “silenciosa” também é música.

Desta maneira podemos questionar se a música é apenas um fenômeno sonoro, físico, ou se podemos conceituá-la de forma diferenciada, levando em conta aspectos relacionados à cultura, aspectos visuais, performáticos da execução musical, o movimento, a dança e também a letra das canções.

De acordo com os dados obtidos nos questionários na pergunta sobre o que é música, os sujeitos surdos usaram os seguintes termos: vibração, sons baixos e altos, letra das canções, letra da canção em Libras, dança, ritmo e expressão de sentimentos.

Fink (2009) discutindo a questão da música e a surdez afirma:

A música é uma área em que os sentimentos e as ideias criativas podem ser expressas. A linguagem musical pode ser tratada de duas formas, uma tradicional em que o compor e o executar mantêm regras rígidas e que não podem ser quebradas. Por outro lado, existem novas maneiras de cantar, de tocar, de dançar, ou de compor e que não estão erradas, podem apenas ser caracterizadas como “diferentes”.(2009, p. 208)

O neurologista Oliver Sacks também relata em seu livro “Vendo Vozes” (1989, p. 152) como emergiram canções em Língua de Sinais na Gallaudet College na década de 70. Sacks afirma: “Emergiram poesia na língua de sinais, dança na língua de sinais, canções na língua de sinais – artes sem igual na língua de sinais que não podiam ser traduzidas para língua falada.”

¹³ Canção “Certas coisas” – Lulu Santos - <http://letras.mus.br/lulu-santos/35063/>

¹⁴ A peça é dividida em três movimentos, o primeiro movimento tem a duração de trinta segundos, o segundo de dois minutos e vinte e três segundos e o último movimento é composto de um minuto e quarenta segundos (todos em absoluto silêncio)

Estas “novas maneiras” precisam ser legitimadas, pesquisadas e relatadas, afinal elas já estão presentes no cotidiano.

A MÚSICA NO COTIDIANO DE PESSOAS SURDAS

Através dos dados preliminares podemos afirmar que a música está presente no cotidiano de pessoas surdas de diferentes maneiras. Para alguns sujeitos a música relaciona-se a uma experiência visual:

Para o surdo o que é importante é ver, estabelecer as relações de olhar [...] usar o direção do olhar para marcar as relações entre as partes que formam o discurso. O visual é o que importa. A experiência é visual desde o ponto de vista físico (os encontros, as festas, as estórias, as casas, os equipamentos...) até o ponto de vista mental (a língua, os sonhos, os pensamentos, as ideias...), como consequência é possível dizer que a cultura é visual, o olhar se sobrepõe ao som, mesmo para aqueles que ouvem dentro da comunidade surda. (SKLIAR; QUADROS, 2000, p. 22).

Para outro grupo de surdos a experiência musical tem um fator sensorial, Fink (2009) traduziu parte de um depoimento da percussionista surda Evelyn Glennie:

[...] ouvir é basicamente uma forma especializada de toque. O som é, simplesmente, o ar vibrando que o ouvido colhe e converte em sinais elétricos e que, então, são interpretados pelo cérebro. A sensação do ouvir não é o único sentido que pode fazer isto, o toque pode fazer isto demasiado. Se você estiver em uma estrada e um caminhão grande passar por perto, você ouve ou sente a vibração? A resposta é ambos. Com a vibração de frequências muito graves o ouvido começa a se transformar ineficiente e o resto do sentido de toque do corpo começa a dominar. Por alguma razão nós tendemos a fazer uma distinção entre o ouvir um som e o sentir uma vibração, que na realidade são a mesma coisa. É interessante notar que na língua italiana esta distinção não existe. O verbo “sentire” significa ouvir e o mesmo verbo na forma reflexiva “sentirsi” significa sentir. A surdez não significa que você não pode ouvir, apenas que há algo errado com o ouvido. Mesmo alguém que é totalmente surdo pode ainda ouvir/sentir sons. (GLENNIE, 2008, *apud* FINK, 2009, p.60).

Desta maneira pode-se inferir que para Glennie e muitos outros surdos, o processo de escutar está relacionado à percepção dos outros sentidos e não somente o da audição. Pode-se ouvir com todo corpo.

No entanto, como adverte Sá (s/d) não se pode impor uma perspectiva “ouvintista” e de normalização. O estudo do tema deve levar em conta o olhar do surdo, pois algumas abordagens de educação musical objetivam “melhorar o surdo”, inseri-lo em contexto onde se desconsidera sua identidade e marcas culturais.

Nesta perspectiva é fundamental no campo educacional e terapêutico considerar as diferenças das pessoas surdas, criando metodologias próprias para o trabalho com o universo musical.

REFERENCIAS

AHARONIÁN, C. **Introducción A La Música**. 3ª edición. Montevideo, Uruguay. Ediciones Tacuabé, 2008.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.

BRASIL. **Decreto N ° 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei n ° 10.436 de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais-Libras e o art. 18 da Lei 10.098 de 19 de dezembro de 2000.

FINK, R. **Ensinando Música ao Aluno Surdo: perspectivas para a ação pedagógica inclusiva**. Tese (doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 2009.

SÁ, N. R. L. **Os surdos, a música e a educação**. Disponível em http://cefort.ufam.edu.br/dialogica/files/no5/Vol05-01_surdos%20musica%20educacao.pdf Acesso em 20/02/2013

SACKS, O. W. **Vendo Vozes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SANTOS, L. **Canção: Certas coisas**. Disponível em <http://letras.mus.br/lulu-santos/35063/> Acesso em 29/01/2013